

Introdução

Partindo do atendimento clínico a crianças e adolescentes, observei que algumas mães, ao buscarem atendimento psicológico para seus filhos, apresentavam as situações-problema relacionando-as com sua ausência no ambiente doméstico, devido ao exercício de atividades profissionais. Dificuldades de aprendizagem, comportamentos agressivos ou ainda questões sobre homossexualidade eram compreendidas por essas mulheres como derivados da falta de tempo para acompanhar melhor os filhos. Corroborando esta experiência, durante 5 anos de atuação no setor de recursos humanos de três empresas, pude verificar que as profissionais-mães apresentavam comportamentos e atitudes peculiares quando se tratava da relação com o filho. Foram observadas situações concretas que chamam atenção para possíveis conflitos entre os papéis de profissional e mãe, tais como: o absenteísmo em função de problemas de saúde dos filhos; ausências e ajustes nas agendas para participações em reuniões e eventos escolares; constantes ligações telefônicas para acompanhar os acontecimentos rotineiros da criança; e também a decoração do posto de trabalho com fotos, desenhos e lembranças dos filhos, dentre outras. Foi possível também perceber que estas mulheres se dedicavam às suas atividades laborais e zelavam pela obtenção de resultados na organização. Entretanto, quando se deparavam com uma exigência familiar tendiam a respondê-la prontamente, ainda que isto repercuta negativamente em relação ao seu desenvolvimento profissional.

A atuação feminina nas organizações, na administração pública, na política e em diversos setores é cada vez mais relevante para o desenvolvimento socioeconômico mundial, conforme ilustra o estudo “O Efeito do Poder Econômico das Mulheres na América Latina e no Caribe”, realizado pelo The World Bank Group em 2012. O referido estudo aponta para o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho em 15%, dado este que teve implicação na redução da pobreza e possibilitou o melhor enfrentamento da crise mundial de 2008. Estes dados nos fazem refletir sobre a forma como a mulher se coloca no contexto profissional, exercendo suas atividades laborais com engajamento, eficiência e comprometimento de modo a gerar tais resultados.

A mulher, hoje, não participa da economia como simples figurante, mas atua de forma a impulsionar a geração de renda, a profissionalização e,

consequentemente, o desenvolvimento do meio em que vive. Em consonância com esta ideia temos a lista das mulheres mais poderosas do mundo divulgada pela revista americana Forbes em 2014. Dentre os critérios para composição deste ranking destacam-se o patrimônio financeiro, exposição na mídia e influência e impacto social das avaliadas. A Chanceler alemã Angela Merkel ocupou o primeiro lugar e a presidente do Brasil Dilma Rousseff, o quarto. Dentre as 25 primeiras encontram-se ainda Janet Yellen, presidente do FED – Banco Central norte-americano, a francesa Christine Lagarde, presidente do Fundo Monetário Internacional, as presidentes Sul Americanas, Cristina Kirchner e Michele Bachelet além da brasileira Graça Foster, CEO da Petrobrás e outras executivas de empresas de expressão mundial como IBM, Facebook, Yahoo e General Motors.

Considerando as observações acima descritas surgiram algumas indagações: como a mulher/mãe lida com o trabalho? Quais solicitações lhe são direcionadas no ambiente organizacional e na família? Como ela se organiza para atender tais solicitações? Quais sentimentos envolvidos na atuação em dupla jornada? Que satisfações e frustrações esta profissional-mãe pode experimentar? Estes questionamentos despertaram o desejo de investigar a dinâmica subjetiva da mulher trabalhadora, que se afirma como força impulsionadora da economia e ainda responde pela manutenção da espécie e desenvolvimento saudável dos indivíduos a partir do desempenho da função materna.

Se antes, especificamente até a década de 60, o casamento, as famílias e as instituições se caracterizavam pela indissolubilidade, assim como os papéis no interior do lar e no meio social eram muito bem definidos, hoje, o mundo se transformou. Estamos diante de uma realidade globalizada e “líquida”, as distâncias foram diminuídas pela tecnologia e as relações são movidas pela satisfação individual e pelo consumo daquilo pode proporcionar tal prazer, em tempo real, conforme nos apresenta o sociólogo Zigmunt Bauman (2001). Para atender a esta nova forma de estar e produzir na sociedade, a subjetividade precisou se reconfigurar. Hoje nos identificamos pela multifuncionalidade e até mesmo por “contraditórias identidades” conforme nos fala Rocha-Coutinho (2004). Assim, elegemos como objeto de estudo duas faces da identidade feminina contemporânea - a carreira e a maternidade - para analisarmos a dinâmica da mulher diante das exigências de cada uma destas experiências. Especificamente, buscaremos compreender como cinco mulheres, participantes da

pesquisa, conciliam a atividade profissional com a função materna, focando nas estratégias utilizadas pelas mesmas para lidar com demandas sociais, exigências laborais e familiares e ainda compreender os sentimentos e escolhas que atravessam as identidades de mãe e trabalhadora.

O tema é inerente ao contexto da vida atual, tendo em vista a relevância do papel da mulher enquanto trabalhadora e também como mãe e a existência dos conflitos decorrentes dos modos de produção econômica e de satisfação pessoal contemporâneos. Assim como destacamos a força e influência daquelas que representam a identidade da mulher trabalhadora, ressaltamos a importância da maternidade para algumas mulheres como a ex-Conselheira de Política Internacional, ex-assessora de Hilary Clinton, Anne-Marie Slaughter, que deixou o bem-sucedido cargo político, para estar mais próxima da família. O artigo publicado pela cientista política, intitulado “Por que as mulheres ainda não podem ter tudo?”, registrou mais de 1 milhão de leitores em quatro dias de publicação, fato que fez desta edição da revista *The Atlantic* ser a mais vendida dentre todas as suas edições, conforme o site de notícias *Globo.com*. Apesar dos avanços em termos da participação feminina no mercado de trabalho, as organizações, as famílias e a própria mulher ainda enfrentam dificuldades para lidar com as particularidades desta dupla jornada, visto que se trata de uma escolha e não mais um destino. Consideramos, portanto, que esta pesquisa possibilitará o desenvolvimento do saber a respeito da organização subjetiva das mulheres que conciliam trabalho e maternidade, promovendo assim a reflexão sobre o tema.

Para alcançarmos o objetivo proposto estruturamos este trabalho em três capítulos. Inicialmente, buscamos desenvolver o percurso de construção da representação social feminina. Destacamos alguns dos fatos históricos e discursos que regularam e moldaram a subjetividade das mulheres e observamos, especificamente, a forma como o trabalho feminino se estabeleceu ao longo do tempo na cultura ocidental, bem como as atividades e condições dessa atuação até os dias atuais.

No segundo capítulo exploramos outra face da identidade feminina: a maternidade. A partir do referencial teórico de Winnicott elucidamos alguns dos processos fundamentais à constituição do sujeito, especificando a função da mãe no desenvolvimento da vida humana enquanto cuidadora e mediadora das primeiras relações do bebê com o mundo. Em função das especificidades e

relevância da atuação feminina neste processo, ampliamos a análise explorando a ética do cuidado, as dificuldades experimentadas pelas mulheres e as redes de apoio como mecanismos de facilitação para a conciliação da maternidade com a carreira.

Por fim, apresentaremos os resultados decorrentes da pesquisa qualitativa, realizada com cinco mulheres profissionais e mães de classe média do Rio de Janeiro. Assim, no terceiro capítulo, encontram-se as categorias temáticas extraídas do discurso das participantes e as análises das falas, alicerçadas na fundamentação teórica apresentada nos capítulos iniciais.